

Prefácio

Desde sempre a infância tem sido considerada uma fase que requer particulares cuidados, quer pela fragilidade da própria criança quer por esta ser o garante da sobrevivência futura do grupo. O consenso internacional que actualmente se verifica em torno desta questão, está claramente consagrado na *Declaração Mundial Sobre a Sobrevivência, a Protecção e o Desenvolvimento da Criança* e no *Plano Mundial Para a Década de 90*, ambos aprovados no *Encontro Mundial de Cúpula Pela Criança*, realizado sob o patrocínio da ONU, em 30 de Setembro de 1990.

O consenso então verificado entre os 71 Presidentes e Primeiros Ministros presentes, decorreu da tomada de consciência da gravidade da situação em que se encontram actualmente as crianças (e adolescentes) em muitos países.

De entre elas, a UNICEF considera **sete grupos de alto risco**¹, sobre os quais devem incidir especiais preocupações dos governos e das Organizações Não Governamentais:

- crianças em estratégia de sobrevivência
- crianças maltratadas e abandonadas
- crianças institucionalizadas
- crianças em conflito armado
- crianças em desastres naturais e ecológicos
- crianças com necessidades específicas
- crianças de rua

Entre estes grupos, as crianças de rua constituem uma preocupação crescente, dada a acumulação de factores negativos que rasgam a sua rede social de apoio, dificultando de forma considerável a sua socialização. Para além do estigma da pobreza que carregam, muitas destas crianças e adolescentes confrontam-se com a acusação frequentemente infundada de viverem à custa da delinquência, o que as tem tornado alvos fáceis para os instrumentos de repressão pública e privada.

Com demasiada frequência, a gritante urgência da sua situação tem conduzido numerosos agentes de intervenção a acções no terreno de eficácia reduzida. Pautadas por intuítos generosos mas por conhecimentos exíguos e métodos desadequados, ou, o que é pior, por preconceitos arcaicos e ideologias transpersonalistas, muitas das acções que se observam no terreno carecem de um diagnóstico sério (ainda que rápido) sobre a situação concreta das crianças de rua.

Constatando este facto, a UNICEF e outras agências têm vindo a publicar alguns estudos que vão pouco a pouco revelando alguns contornos do drama existencial vivido por estas crianças. Entre nós, para além dos esforços desenvolvidos pelo Instituto de Apoio à Criança e por algumas instituições académicas como o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa e os diversos Institutos Superiores de Serviço Social, a bibliografia é ainda reduzida face às necessidades de compreensão do fenómeno.

¹ Expert, F.; Myers, W., 1988, **Análises de situação: crianças em circunstâncias especialmente difíceis**, 1988/91, Bogotá, UNICEF

É neste contexto que se insere a oportunidade da edição de *Criança em perigo e em situação de rua – Histórias de vida passadas em Lisboa e no Rio de Janeiro*, da autoria de Maria da Conceição Paninho Pinto, trabalho inicialmente desenvolvido como dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Relações Interculturais pela Universidade Aberta, e posteriormente adaptado para divulgação pública.

Num primeiro momento, a autora procura identificar as principais variáveis em jogo no estudo da criança de rua, chamando a atenção para o acréscimo de visibilidade social deste problema e para as diversas tentativas de o resolver, não se limitando a uma mera descrição de acontecimentos e acções mas procurando partilhar com o leitor a sua reflexão crítica, escorada no pensamento de vários autores.

Seguidamente, passa em revista diversos factores que têm contribuído para o crescimento e complexificação do problema, chamando a atenção particularmente para as suas raízes económicas, culturais, políticas e psicossociais.

Fá-lo de forma desassombrada, cruzando a informação obtida a partir de fontes documentais, com elementos colhidos através de um “olhar no terreno”, decorrente do trabalho de campo efectuado em bairros degradados pobres em Portugal e em favelas brasileiras nalgumas das quais viveu algum tempo.

Escorada na moldura teórica e empírica definida na primeira parte do trabalho e num modelo de avaliação que havia sido testado pelo seu orientador no projecto com crianças de rua de Lisboa, do Instituto de Apoio à Criança, Conceição Paninho Pinto elegeu a História de Vida como técnica estruturante da pesquisa que se seguiu, no Rio de Janeiro e em Lisboa. Ao longo da investigação procurou confirmar a sua hipótese de partida, a de que os chamados *projectos crianças de rua* constituem uma resposta eficaz e eficiente, enquanto modelo de intervenção, para a reintegração social destas crianças e jovens.

A terceira parte do seu trabalho é justamente dedicada a descrever e a avaliar dois projectos que constituíram o seu objecto de estudo: o da Associação Beneficente São Martinho, que actua no Rio de Janeiro e o do Instituto de Apoio à Criança, que tem Lisboa como campo de intervenção. Da análise efectuada a autora conclui pela confirmação da hipótese inicial, o que em si mesmo, constitui um valor acrescentado da obra. Com efeito, dos elementos colhidos parece evidente que no trabalho com crianças de rua, os projectos com as características dos estudados são mais eficazes (obtem melhores resultados) e mais eficientes (são mais baratos) que os modelos tradicionais de intervenção social.

Não poderia terminar esta breve nota sem sublinhar a influência da experiência da autora no modo como a obra foi construída: em todo o discurso perpassa a sua formação inicial de educadora de infância e a sua experiência com crianças de bairros degradados de Setúbal, compensando algumas eventuais lacunas teóricas com uma evidente experiência de actuação no terreno, o que confere a este trabalho um interesse acrescido e um indiscutível *sabor a genuino*.

Hermano Carmo, Dezembro de 2000